

O SUJEITO, A FAVELA E OS MUROS

FERREIRA, Lucia M. A .
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio
(lmf@connection.com.br)

Esse é o muro da inclusão, e não da segregação. Ele significa o fim da omissão do poder público. (Governador Sérgio Cabral; *Veja* -22/04/2009, p.66-8)

O muro estanca o impacto ambiental; pavimenta o terreno para que uma política habitacionalganhe fôlego; organiza a comunidade e abre espaço para que o princípio da civilidade prevaleça; não há apartheid ou movimento sectário...; o direito de ir-e-vir dos moradores está garantido ... com chances de maior segurança. (*Isto é* – editorial -22/04/2009, p.20)

Não estamos falando de um muro que vai tirar a liberdade das pessoas ou separar a favela da cidade, mas de uma construção para preservar o meio ambiente... (William de Oliveira, morador da Rocinha e Presidente do Movimento Popular da Favelas, *Isto é* - 22/04/2009 p. 50-3)

Em meio às discussões sobre as inúmeras intervenções urbanas programadas para acontecer na cidade antes da realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas, os cariocas vêm testemunhando a construção de muros em torno de algumas favelas da cidade. Os enunciados acima foram recortados de matérias jornalísticas acerca das construções. Inscrevendo-se em uma rede de formulações possíveis na medida em que ganham sua forma no concreto, o acontecimento dos muros reclama sentidos (HENRY, 1997) vinculando-se à memória de outros muros, a episódios da história política da cidade e de seus habitantes e a muitos outros sentidos disponibilizados pela memória.

Para a maioria dos habitantes da cidade, no entanto, a novidade e a polêmica desencadeada sobre a sua funcionalidade – afinal muros servem para a delimitação de território - só se tornaram conhecidos pelos relatos dos jornais e dos telejornais. É por seu intermédio que conhecemos os projetos, que ouvimos as vozes das autoridades responsáveis, das lideranças comunitárias e dos especialistas - urbanistas, cientistas sociais, historiadores – atores sociais convocados para dar sentido ao acontecimento. Em outras palavras, os muros entraram na ordem do dizer e da memória, ganharam sentidos, antes mesmo de se tornarem concreto(s). O imaginário sobre os muros se (re)constrói pela via midiática, em espaços onde se inscrevem os sentidos postos em jogo pelo sujeito quando entra na ordem do discurso.

Em uma primeira aproximação do *corpus*, elaborado a partir de matérias publicadas pelo jornal *O Globo* e pelas revistas *Veja* e *Isto é*, observei que as muitas vozes convocadas para configurar o discurso jornalístico sobre a construção dos muros – autoridades

responsáveis, sociólogos, representantes de associações de moradores – acabam por justificar sua construção ecoando o discurso oficial, de preservação da mata. A esta rede de significações, diretamente relacionada a uma FD de forte orientação ambientalista, associa-se uma outra que vincula a construção do muro à necessidade de ordenação da cidade. Na lógica da FD da ordem urbana, as favelas constituem-se como territórios desviantes e os moradores como transgressores que escapam da ordenação que permite a convivência. Esses sentidos, tributários do mito de origem das favelas inscrito na memória social (VALLADARES, 2005) funcionam como referência básica no imaginário e ecoam quando a favela é nomeada, falada, discutida ou silenciada. O reordenamento a ser promovido pela construção do muro é a condição indispensável para a transformação do *status quo*.

Apesar das diferentes posições que ocupam no espaço social e no discurso, os sujeitos convocados a construir os sentidos sobre o muro nos periódicos parecem enunciar do interior das mesmas formações discursivas, tributárias da formação ideológica capitalista dominante. Formações discursivas dissonantes são silenciadas nas páginas da imprensa de referência e o que se entrevê é a reprodução do discurso da inclusão, com a construção de um consenso imaginário sobre a necessidade de proteção da mata, de reordenamento do espaço urbano e de controle da marginalidade. É assim que se justifica a construção dos muros junto às favelas.

Mas entrar na ordem do discurso é também dar voz ao outro. O sujeito da linguagem é determinado pela sua relação com a exterioridade, “É um sujeito des-centrado, dividido, essa divisão tendo um caráter estrutural e estruturante” (ORLANDI, 2008, p. 46). No que diz respeito à fabricação de justificativas para a construção dos muros, o outro, o diferente constitui também o discurso oficial. As vozes que materializam o dissenso, apesar do esforço em silenciá-las, vão falar e constituir o discurso hegemônico. Ao negar o papel simbólico de fator de divisão, de exclusão e segregação que pode ser atribuído ao muro, as falas das autoridades acabam por inserir no discurso a polêmica, a réplica e os contra-discursos que os constituem. Neste sentido, chamam a atenção, as ocorrências de estratégias discursivas que, como glosas, marcam um esforço para fixar o sentido, em uma tentativa de assim protegê-lo daquilo que o ameaça (AUTHIER-REVUZ, 1998). No que diz respeito à fabricação de justificativas para a construção dos muros, percebe-se, então, a presença de um já-dito de outros discursos, do diferente, de um exterior que habita o dizer. É justamente neste espaço discursivo e nesta materialidade lingüística que proponho entrever os rastros que o sujeito (desejante e assujeitado) vai deixando à medida que se constitui, ocupando seu lugar no discurso.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras incertas. As não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

HENRY, Paul. A história existe? In: Orlandi, Eni. *Gestos de Leitura*. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni. Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

VALLADES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem à favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.